

DISTANCIAMENTO SOCIAL, PANDEMIA E A (IN)SEGURANÇA DA CASA

SOCIAL DISTANCING, PANDEMIC AND THE (IN)SECURITY OF THE HOUSE

Rita de Cassia Mendes Alvares¹

Lúcia Eliza Ferreira da Silva²

Patricia Carneiro de Paula³

Resumo: Este artigo busca enfatizar o ambiente da casa no decorrer da pandemia do Covid-19, elucidando-o como cenário violento e perpetuador de condutas agressivas, já que indicadores demonstram o aumento de ocorrências de violência doméstica, e a realidade de subnotificações aponta para números ainda maiores. Durante a adoção do distanciamento social, utilizado para isolar as pessoas em suas casas e indicado como “seguro” para frear o contágio do vírus e suas consequências, as vítimas ficaram mais expostas aos agressores, já que a medida os coloca em contato direto, por mais tempo e no “anonimato” do lar. De forma analítica e por recurso interdisciplinar, a abordagem será realizada em três momentos: a) a concepção de casa e sua implicação na prática de violência doméstica; b) a leitura das relações na casa no desdobramento de Michel Foucault sobre estruturas de poder e seu exercício; e c) a indicação da ambivalência como constitutiva e o uso da palavra como possibilidade para romper com círculos violentos, a fim de tensionarmos a segurabilidade da casa em tempos pandêmicos.

Palavras-chave: Distanciamento social. Pandemia. (In)segurança da casa. Relações de poder. Violência doméstica.

Abstract: This article seeks to emphasize the house environment during the Covid-19 pandemic, elucidating it as a violent scenario and perpetuating aggressive behaviors, since indicators demonstrate the increase in domestic violence occurrences – and the reality of underreporting points to numbers still bigger. During the adoption of social detachment, used to isolate people in their houses and indicated as “safe” to curb the contagion of the virus and its consequences, the victims were exposed of their aggressors, since the measure puts both in direct contact, for longer and in the “anonymity” of the house. In an analytical way and by an interdisciplinary resource, the approach will be carried out in three moments: a) the concept of house and its implication in the practice of domestic violence; b) the reading of relations in the house in the unfolding of Michel Foucault on structures of power and their exercise; and c) the indication of ambivalence as constitutive and the use of the word as a possibility to break with violent circles, in order to tension the insurability of the house in pandemic times.

Keywords: Social distance. Pandemic. (In)security of the house. Power relations. Domestic violence.

¹ Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP. E-mail: ritacalvares@gmail.com

² Bacharel e mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. E-mail: lucia.elizaazile@gmail.com

³ Graduada em Direito e Pós-graduada em Direito Processual Civil pelo Centro Universitário UniFMU - São Paulo. Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). E-mail: patriciacdepaula@terra.com.br. Todas integrantes do grupo de pesquisa Pessoa Humana, Antropologia, Ética e Sexualidade – PHAES (PUCSP).

Introdução

“é preciso reconhecer que o “lar” pode ser tão ou mais perigoso do que qualquer outro lugar. Isso porque, dentro de quatro paredes, faltam testemunhas”⁴

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde - OMS, agência ligada à Organização das Nações Unidas - ONU, declarou a doença causada pelo novo coronavírus COVID-19 como pandemia, o que significa dizer que a doença atingiu uma grande gama de regiões geográficas. Além disso, a doença respiratória aguda grave causada pelo coronavírus exige que o surto seja contido e controlado, por meio de várias medidas, como o distanciamento social,⁵ até que os possíveis tratamentos paliativos para casos mais graves – internações, UTI's, respiradores, etc.; possam responder a alta demanda e a vacinação seja disponibilizada e acessível em grande escala, já que não existe tratamento precoce para a COVID-19 reconhecido cientificamente.

Nesse cenário dramático, atingindo a todos sem distinção, se observou múltiplas reações frente a debilidade da vida humana sob o poder devastador de um vírus invisível. A promoção do bem comum, do respeito e da fraternidade foram destacados, a fim de estancar as dores das perdas, o medo da morte, conter o apavoramento e proporcionar tal travessia de forma mais consciente e humanizada.

⁴ SCHWARCZ, L., 2020. Casa não é a mesma coisa que lar (e vice-versa). Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2020/Casa-não-é-a-mesma-coisa-que-lar-e-vice-versa>. Acesso em: 06 jul. 2020.

⁵ Como medidas de contenção cite-se: “o isolamento social, a quarentena, o distanciamento social e as medidas de contenção comunitárias. O isolamento é a separação das pessoas doentes daquelas não infectadas com o objetivo de reduzir o risco de transmissão da doença. (...) A quarentena, é a restrição do movimento de pessoas que se presume terem sido expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes, ou porque não foram infectadas, ou porque ainda estão no período de incubação ou mesmo porque, na COVID-19, permanecerão assintomáticas e não serão identificadas. Pode ser aplicada no nível individual ou de grupo, mantendo as pessoas expostas os próprios domicílios, em instituições ou outros locais especialmente designados. A quarentena pode ser voluntária ou obrigatória. (...) O distanciamento social envolve medidas que têm como objetivo reduzir a interação em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas. (...) O caso extremo de distanciamento social é a contenção comunitária ou bloqueio (em inglês, lockdown) que se refere a uma intervenção rigorosa aplicada a toda uma comunidade, cidade ou região através da proibição de que as pessoas saiam dos seus domicílios - exceto para a aquisição de suprimentos básicos ou a ida a serviços de urgência - com o objetivo de reduzir drasticamente o contato social.” AQUINO, Estela M. L. et al. *Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil*. Ciênc. saúde coletiva, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, June 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702423&lng=en&nrm=iso. Access on 19 July 2020. Epub June 05, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>, p. 2425- 2426.

Entender a questão do distanciamento social na pandemia e suas implicações como medida de contenção, sobretudo, na casa como lugar (in)seguro, se mostra relevante, pois imaginar todas as casas como um lugar seguro, ao menos diante desse cenário, é, por certo, desconhecer a realidade das famílias.

Deste modo, questionar a desigualdade existente nas relações sociais, ocultadas no cotidiano e silenciadas nas casas durante a pandemia, elucida uma segunda onda de fatalidade naturalizada, significa trazer à luz o aumento da violência doméstica durante esse período de convivência sob distanciamento social, portanto, forçada, que demonstra a exacerbação da sombria realidade de violência no contexto do lar. Para isso, iremos tratar no primeiro momento dos impactos do distanciamento social no ambiente familiar, mais especificamente na casa (supostamente um lugar seguro) e analisaremos também em que consiste o mito do lar como lugar seguro no ideário cristão; em seguida, tendo referencial foucaultiano acerca das relações de poder indicará seu exercício no contexto da casa; e por fim, com o olhar da psicanálise, apontaremos para a ambivalência presente nas relações e a necessidade do diálogo para romper círculos violentos, que tencionam a eventual segurabilidade da casa em tempo pandêmicos.

1. Distanciamento social, Pandemia e a Casa

Diante de um decreto de pandemia é necessária a adoção de várias medidas de contenção, e dentre as medidas tomadas para controle do surto, e para se evitar um grande e descontrolado número de mortes, perante a ausência de fármacos antivirais e vacinas disponíveis, é justamente a adoção do distanciamento social, a obrigar que as pessoas permaneçam longos ou indeterminados períodos em suas casas, supostamente abrigados do vírus, que expõe a (in)segurança da casa.

Vários indicadores mostram o crescente número de casos de violência contra mulheres, crianças, idosos e pessoas LGBTQ+ praticados no ambiente doméstico⁶, e em razão do imprescindível distanciamento social, e pelo conseqüente perigo do contágio, as vítimas deixam de procurar os serviços de assistência e redes de apoio, como escolas e

⁶ Como exemplo cite-se: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em 07.07.2020 e <https://nacoesunidas.org/unicef-criancas-e-adolescentes-estao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia/>. Acesso em 07.07.2020

comunidades, o que também ocorre por permanecerem mais tempo vigiadas pelos(as) agressores(as) durante esse período⁷.

Muito embora possa haver equivalência entre o que se entende como *casa* e *lar*, a palavra “lares” é de origem latina e se referia à divindade romana que protegia os lares (*Lars Domestici, Lars Familiaris, Lars Publici*), de modo que está relacionada a um deus doméstico, e seu culto permaneceu na antiga Roma mesmo após ascensão do Cristianismo, uma vez que toda a organização primitiva dos romanos se fundamentava na religião e não nos laços consanguíneos, de modo que só existia parentesco entre aqueles que prestavam culto aos mesmos deuses e antepassados masculinos. O culto aos deuses “lares” era realizado em um altar doméstico, denominado “ara”, no qual se conservava permanentemente aceso um fogo que era considerado sagrado, dando origem ao que se conhece hoje como lareira, usada para aquecer um determinado ambiente, geralmente, doméstico.⁸

A reunião entre esses elementos: ambiente doméstico, laços de parentesco e religião, asseguraram ao “lar” uma característica sentimental, até mesmo mais valorosa do que o conceito de “casa” que, ademais, em regra, está mais restrito ao espaço físico, à construção ou à estrutura material onde pessoas, ligadas ou não a um laço de parentesco, resolvem instituir habitação/moradia.

Casa, portanto, diante de seu elemento material, está ligada à concepção de domínio (*domus*) e, assim, à relação de poder exercido por aquele que desempenha papel tido como principal “*dominus*”, o “Senhor” daquele espaço. Portanto, interessa considerar o lugar de convivência familiar, assim entendido como “casa/lar” que, em tempos de confinamento, potencializam o clima de tensão da convivência humana e que, ainda, evidenciam as relações de poder e, por consequência, do ciclo da violência.

Embora não se esteja a definir fisicamente em que consiste a casa, é importante considerar que existe um ambiente materialmente estruturado e constituído, mesmo que com deficiências materiais, mas que é destinado a convivência familiar. Assim, a casa/lar é um lugar no qual se pressupõe que as pessoas estariam abrigadas, seja das intempéries,

⁷ “O certo é que se os dados de violência por raça, gênero, sexo e geração são considerados ‘reais’ para ‘tempos de normalidade’, imagine o que ocorre quando mulheres, crianças, e pessoas LGBTQ são obrigadas a conviver 24 horas na mesma casa, e sem a possibilidade de recorrer à polícia ou aos conhecidos?” SCHWARCZ, L., 2020, p. 6. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/Casa-não-é-a-mesma-coisa-que-lar-e-vice-versa>>.

Acesso em: 06 jul. 2020.

⁸ Dicionário Bíblico: um guia de estudos e entendimento do livro dos livros. Equipe DCL. São Paulo; DCL, 2015, p. 301.

da violência, do desamparo ou, ainda, no caso, do vírus. Presume-se, portanto, fosse de fato um lugar seguro de crescimento e identificação individual e familiar.

Contudo, inúmeros fatores podem exacerbar o clima de tensão em ambiente familiar como as dificuldades financeiras, que se agravaram com a crise provocada pela paralisação da atividade econômica, dificuldades estas que, por certo, já existiam, assim como os problemas econômicos, mas que ficaram ressaltados, sobretudo com o exponencial percentual de desemprego e do “subemprego”.

Além disso, outros fatores como o uso e abuso de álcool e drogas, o aumento do controle e vigilância de uns sobre os outros, ou ainda, distúrbios mentais e emocionais, sem acompanhamento ou tratamento adequados, bem como outros problemas de saúde, e ainda fatores subjetivos estruturais ou culturais, também estão relacionados ao clima de tensão que potencializam e resultam em ações violentas.

É possível se inferir, portanto, uma sutil distinção entre os conceitos de lar e casa, já que o de casa estaria relacionado ao aspecto material e de lar ao sentimental, inserido, portanto, no conceito de casa, e, também, identificar como ao longo do tempo foi sendo construída uma concepção de casa que abrange uma relação de poder gerador ou que pode culminar em violência.

Assim, conquanto os crescentes números a respeito da violência constatada em várias casas ao redor do mundo possam ser considerados em decorrência de eventos sociais, estruturais, culturais e fenomenológicos, este último considerado como mudanças nas experiências subjetivas e nas definições de realidade dos agressores,⁹ é importante ressaltar que a dominação e o controle sobre o corpo, bem como o abuso físico, emocional e financeiro, por meio do instrumental da violência, é antigo e decorre de vários fatores que tentam justificar a superioridade entre gêneros e também de adultos sobre crianças e idosos, e que culminam na violência em âmbito familiar que, assim, se mostra enraizada e estrutural nas sociedades.

Ressaltamos, apenas, que, no que se refere às crianças e idosos, bem como às pessoas LGBT+, não se pode falar somente em superioridade masculina, uma vez que muitos algozes de crianças, por exemplo, são mulheres. Além disso, não se pode olvidar

⁹ Para melhor compreensão da teoria fenomenológica da violência, ver: MONSMA, Karl. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: História e Cultura*. Universidade de Caxias do Sul/Centro de Ciências Humanas/Área de História, v. 6, n. 11 (2007), p. 23-37. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/822>. Acesso em: 02 ago.2020.

da responsabilidade dos familiares, sobretudo com vínculo de parentesco, pela violência sofrida por pessoas LGBT+.

Dessa forma, o que se observa, como gerador de violência, é uma suposta superioridade de uns sobre os outros no âmbito social e familiar. Essa “superioridade”, por certo, também resulta da estrutura subjetiva, discriminatória e patriarcal das construções familiares e pode até, por consequência, decorrer de distúrbios psíquicos da opressão vivida em âmbito familiar.

Impressiona, entretanto, é que discursos de “superioridade” de uns sobre os outros continuam a ser proferidos até os dias atuais, de modo que nem mesmo os altos índices de violência, antes e durante a pandemia, parecem gerar reflexão nas pessoas, máxime nos cristãos, hodiernamente, a evidenciar, na realidade “autoritarismo” e “abuso de poder”.¹⁰

Como a família é considerada uma das instituições sociais existentes, assim como a Igreja, o Estado, Pessoas Jurídicas (empresas) e as instituições de ensino, e “é considerada o fundamento básico e universal das sociedades” ou, ainda, “a base da estrutura social”¹¹ e, embora várias famílias possuam integrantes que não moram juntos, a maioria dos membros de uma família compartilham, por inúmeras razões ou finalidades, sejam elas afetivas, culturais ou socioeconômicas, o mesmo ambiente familiar de convivência, ou seja, o lar, a habitação ou a propriedade, portanto, a casa, sendo este o modelo que ainda se vê majoritariamente nas sociedades.

Entretanto, o que se idealiza como casa parece não guardar relação com a realidade pois, contrariamente ao que se mantém em mente no imaginário popular e no ideário cristão, a família é uma forma histórica de organização humana, que atende a certas funções sociais, e não necessariamente algo natural, biológico ou sagrado, de modo que, considerando as pessoas mais expostas à violência em âmbito familiar, há um caráter de dominação e controle sobre seus integrantes, em regra, por parte dos chefe da família.¹²

A dificuldade encontrada em vários setores da sociedade para enfrentar o problema da violência no ambiente familiar e que, ainda, considera o lar como um lugar

¹⁰ Cf. SOUZA, Luciana Melo e. *Lar doce lar? Um estudo sobre os significados de violência doméstica fatal contra crianças*. Dissertação (Mestrado). Orientadora: Prof^a. Marilena Ristum. Universidade Federal da Bahia Instituto de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Salvador, 2009, p. 24. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23976>. Acesso em: 19.07.2020.

¹¹ LAKATOS, E. M. *Sociologia Geral*. Colaboradora Marina de Andrade Marconi, 6ª rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1990, p. 169-170.

¹² SOUZA, 2009, p. 23.

“seguro e sagrado”,¹³ agrava ainda mais a questão, sobretudo diante da relutância, mesmo entre os agentes pastorais, de reconhecer que a família é o grupo mais violento ao qual mulheres e crianças pertencem e são obrigados a conviver. Pois é um lugar em que não ocorre somente violência, mas que também pode ocorrer tragédia, e tal afirmação não implica em afirmar que não se deseje que seja o ambiente familiar um lugar de vivência dos valores cristãos, mas de reconhecer que, diante dos inúmeros casos de violência, tal desejo não está se realizando, o que nos impele a uma ampla reflexão de suas razões.¹⁴

Essas reflexões sobre a casa como um espaço onde também estão abrigados tencionamentos, exacerbados na pandemia com o aumento de situações de violência doméstica, continuará a ser abordada em nosso artigo pelo ângulo das relações de poder estabelecidas entre as paredes de uma casa.

2. As relações de poder entre as paredes do lar

A dramatização dos dias no decorrer do distanciamento social aumenta pelas imagens dos hospitais superlotados, as imprudentes posturas de autoridades políticas e da população quanto a observação dos protocolos e o caos no ambiente hospitalar que assolou recentemente. No contexto brasileiro, mais especificamente, a insuficiência da gestão pública para garantir recursos possíveis, fortalecia o torpor irresponsável pelas vidas e enviesa o contexto trágico. A penumbra da morte deixa seus rastros nas UTI's como nas estatísticas e na naturalização desse cenário, o qual baseia-se naquilo que promove esse ambiente de subjugação e exclusão, em vários níveis e agentes, a dita estrutura de poder em forma de necropolítica¹⁵, onde prevalece a “lei do mais forte (...) e o poderoso engole o mais fraco”¹⁶ e a regulamentação do morrer é normativa.

O #ficaemcasa propagado pelas mídias, políticas de segurança, estampado em púlpitos e estopim do conflito ideológico, foi e é fato necessário, mas não bem acompanhado e ainda fortalece essa organização de poder disposto à mão de alguns. A

¹³ BERGESCH, K. *Falas de violência e o imaginário religioso*. In: NEUENFELDT, E.; PARLOW, K. B. E. M. Epistemologia, Violência e Sexualidade. Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. p. 125.

¹⁴ BERGESCH, K., 2015, p. 125.

¹⁵ Noção cunhada pelo filósofo Achille Mbembe referente à questão do exercício de morte de alguns frente a condição de vida de outros, dessa forma como que um estatuto de “mortos-vivos”, o pensador indica a existência da racionalização da vida que passa pela morte do outro, ou seja, “a soberania consiste na vontade e capacidade de matar a fim de viver”. Cf. MBEMBE, Achile. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Traduzido por: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 20.

¹⁶ PAPA FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, n. 53.

casa como “refúgio” nesse período pandêmico alimenta estatísticas de violências, condutas opressivas, atmosfera do exercício autoritário e a não responsabilização pelo outro, porque “escondidos” – como que depositados em seus lares, as ruas agradavelmente vazias - sem tráfego de pessoas e cotidianos, possibilita a desatenção pelo o que acontece nos lares.

A casa ‘se tornou’ ambiente de óbito e violência durante a pandemia da COVID-19. Não significa que atingiu essa nova forma, pois a violência e o poder nos lares sempre existiram, sendo praticadas todos os dias¹⁷ - onde a cada 6h23, uma mulher é morta dentro de casa¹⁸. E, no contexto misógino, racista, homofóbico e normalizador da cultura do estupro, as hierarquizações no silêncio entre as quatro paredes é ensurdecedor, refletem a escalada da violência social e a da desigualdade, representando a perversidade das relações de poder, da polaridade entre bem comum e difusão da divisão¹⁹.

O feminicídio, tipificado criminalmente desde 2015, é o resultado extremo de uma contínua violência doméstica e familiar sofrida pelas mulheres por entes conhecidos ou íntimos à vítima. Entre os anos de 2013 e 2018 houve um aumento dos ocorridos dentro de casa (8,3%); com 25% de aumento de homicídios por arma de fogo, e a violência doméstica durante a pandemia foi objeto de três notas técnicas elaboradas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2020,²⁰ chamando a atenção, ainda, as subnotificações.²¹

Perante o exposto, vê-se nessa estrutura de desigualdades uma opressiva e cruel aplicabilidade do poder por inúmeras vias, inclusive na casa. Poder que no viés do

¹⁷ FONSECA, D. ; RIBEIRO, C. ; LEAL, N. *A violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais*. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314, 2012, p. 311. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

¹⁸ ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020 – PRINCIPAIS RESULTADOS. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020, p. 11. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5929-atlasviolencia2020relatoriofinalcorrigido.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

¹⁹ SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 175-221.

²⁰ Nas edições de 16 de abril, 29 de maio e 24 de julho.

²¹ *Registros de boletins de ocorrência apresentaram queda nos primeiros dias de isolamento nos crimes que, em geral, exigem a presença das vítimas (...) [enquanto], mostra aumento de 431% nos relatos de brigas entre vizinhos no Twitter entre fevereiro e abril de 2020; 52 mil menções contendo algum indicativo de briga entre casais entre fevereiro e abril(...) Filtragem com foco apenas nas mensagens que indicavam a ocorrência de violência doméstica resultaram 5.583 menções, 25% do total de relatos de brigas de casal foram feitos às sextas-feiras; 53% dos relatos foram publicados à noite ou na madrugada, entre 20h e 3h; 67% dos relatos foram de mulheres. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19 – ed. 3*. 24 de julho de 2020, p. 2. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>. Acesso em 16 mar. 2021.*

pensador francês, Michel Foucault, indica técnicas do seu exercício,²² não pela obtenção ou indicação de sua natureza, de características universais ou na existência unitária, mas implica na execução do poder por formas díspares, heterogêneas e em constante transformação. Assim, esse controle (poder) não coisifica, mas emerge como prática social expandida que não se possui, contudo se exerce e disputa; onde se ganha ou se perde²³.

Nesse sentido, o poder está por toda parte. Seu exercício é acionado no tecido social até suas classes menores. Nesse emaranhado de relações, a engrenagem de poder se expande por todo o corpo social, tomando formas regionais e concretas, institucionalizando-se e tomando corpo a corpo, transpondo na cotidianidade micropoderes ou subpoderes, controlando minuciosamente o corpo, em: gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discurso.²⁴

Assim, se resplandece na categoria de casa-ambiente da intuição familiar, espaços representativos de moralidade através de certas determinações, em que se encontra, por exemplo, na pessoa do pai, o bondoso e severo, na mãe, a mulher de posto secundário e não questionador e, nos filhos, a realização das ambições dos pais – “intimidade que encobre as hierarquias estáveis de poder”.²⁵

Esse sistema de poder sobre às consciências se designa como teorização e lugar de exercício das múltiplas concepções de natureza totalizante, que barram, proíbem e invalidam os discursos próprios, penetrando profundamente e censurando assim sutilmente toda a sociedade. Fazendo parte desse sistema que exerce o poder, “agentes da consciência e do discurso”, instrumentalizando verdades.²⁶ Dessa forma, a onipresença

²² O amadurecimento analítico da genealogia do poder surgirá no pensamento de Foucault na década de 70, desdobrando a noção de ‘relações de poder’, indicando o significado de que os indivíduos integram a sociedade não livres destas relações e são determinados por estas redes de poderes, que os capturam, dividem, classificam; onde tais relacionamentos são capazes de produzir saberes pela apropriação do outro e do discurso, resultando em relações nutridas e subjugadas ao poder e construídas historicamente. Cf. DANNER, Fernando. *A genealogia do poder em Michel Foucault*. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS, 2009, p.786. Disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Filosofia/71464-FERNANDO_DANNER.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

²³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, pp. 12-18.

²⁴ “Do Estado à família, do príncipe ao país, do tribunal à quinquilharia das punições cotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder [...] o pai que proíbe, o censor que faz calar, do mestre que diz a lei, de qualquer modo se esquematiza o poder sob uma forma jurídica e se definem seus efeitos como obediência. Em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito – que é sujeitoado – e aquele que obedece.” FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, p. 93.

²⁵ SCHWARCZ, 2019, pp. 43-46.

²⁶ FOUCAULT, 2017, pp. 131-132.

do poder na estrutura das instituições e nas relações, introduzindo às proposições de desigualdades e desequilíbrios, são exercidos a partir de “baixo”, atuando nas famílias e grupos, aos quais o suportam e dão amplitude.

O dispositivo familiar não é uma reprodução da sociedade ou ato de imitação mútua, mas a primeira, é insular e heteromórfica com relação aos outros mecanismos de poder, significando sua especificidade e tutoria às grandes manobras de controle.²⁷ Na ótica foucaultiana, o exercício do poder é substancial ao ambiente familiar, em decorrência da: qualificação e desqualificação do corpo feminino – este contendo finalidade reguladora e de assegurada da fecundidade; as crianças sob a responsabilidade feminina da educação; e, lugar de educar os impulsos sexuais, a fim de reduzir impactos e perigos físicos, morais, coletivos e individuais²⁸. Nesse exercício de poder realizado no corpo, efetiva-se a disciplina na casa, onde por essas redes de “biopolítica” ou “biopoder”, o motor de regimento não é sobre o indivíduo, mas sim no conjunto populacional, pois essa tomada de poder, não é individualizante, sim massificante²⁹, significando que tais métodos remetem a ideia do direito de vida e morte, em que no âmbito de massa tornam-se efeitos coletivos.

Tendo, essa tecnologia de poder a consistir em fazer viver e deixar morrer, desqualificando o processo do morrer como extremidade do poder, para Foucault, o poder não domina a morte, mas a mortalidade. Em tempos de pandemia, e no ambiente da casa, ver-se tais técnicas de regulamentação fadadas no deixar morrer, por variantes meios, em que se para permanecer vivo (por exemplo, com taxas de transmissão controladas, percentagem de isolamentos altas, etc), é preciso que o outro morra – mesmo que no anonimato, do silêncio, no amedrontamento da violência doméstica.

Foram apresentados tensionamentos, presentes nas relações de poder, que tendem a aprisionar e condenar os sujeitos em uma posição única, condenados ao silenciamento e ao desaparecimento. A argumentação prossegue apontando para alguns elementos da problemática ambivalência constitutiva e presente nas relações sociais, particularmente no espaço da casa. E nesse contexto, percebe-se a necessidade do resgate do valor da palavra como possibilidade de enfrentamento ao silenciamento e a violência.

²⁷ FOUCAULT, 2017, p. 109.

²⁸ FOUCAULT, 2019, pp. 112-115.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 204.

3. O espaço da casa e a problemática da ambivalência

Não se pode deixar de considerar que a experiência do habitar uma casa, está perpassada por ocupar um lugar que é construído a partir das relações estabelecidas e implica em uma prática de uso do espaço. Desse modo, “o espaço é um lugar praticado”,³⁰ são os sujeitos em relação que transformam o espaço em lugar de fazer e de práticas sociais. O espaço da casa, dentre outros espaços, a partir do uso e das práticas, se torna, desse modo, um lugar próprio, no qual, por instantes, pode estar presente a estabilidade. Mas, em outras situações também se encontra a instabilidade: conflitos que desarranjam posições e produzem rupturas, podem reconfigurar situações e levar a ocupação de outros lugares.

Nesse processo de ocupar um lugar no espaço, como vimos, podem surgir zonas de tensionamentos, e também deslocamento para outras posições. Entretanto, as crises, não se pode deixar de considerar, às vezes, são situações importantes para a retomada da palavra, no respeito a diferença e a singularidade do outro. Temer a crise, contrariamente, pode conduzir ao assassinato da palavra. Esta uma vez remetida para mais tarde, pode também ser reduzida ao insignificante.³¹

O não enfrentamento da diferença e do diálogo em torno de questões eventualmente geradoras de conflitos, são situações suscetíveis de produzir silenciamento, a insuportabilidade do que não é semelhante e a ausência da palavra. É na impossibilidade de interlocução, que as relações entre os sujeitos se fixam em uma única posição. Quando não há possibilidade de diálogo, o movimento de destruição do outro pode se manifestar.

Nas situações de violência doméstica ocorridas dentro do espaço da casa, percebe-se que as relações de poder estão muito presentes, numa posição abusiva em relação a um outro que está em posição desfavorecida, como já mencionado. Em nossas elaborações sobre esse tema, devemos considerar a presença da ambivalência nas relações humanas. Desse modo considerar que a agressividade é constitutiva da subjetividade humana.

³⁰ CERTEAU, M. de. Relatos de espaço. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 202.

³¹ DAVOINE, F. & GAUDILLIÈRE, J-M. Miroir de L'Histoire. In: *Histoire et Trauma: la folie des guerres*. Paris: Stock, França, 2006, p. 226-227.

Na sua correspondência com Einstein na qual dialoga sobre destrutividade humana Freud,³² afirma concordar com o cientista sobre o impulso destrutivo inerente ao humano, retoma a teoria das pulsões, e recoloca conceitualmente suas formulações sobre pulsão de vida e pulsão de morte, Eros e Tanatos. A dualidade pulsional na constituição do psiquismo. Essas formulações de Freud,³³ já tinham começado a aparecer em elaborações de anos anteriores, no texto *Mal-estar na cultura*. Momento em que o pai da psicanálise situa o conflito existente entre a busca pela realização pulsional e as exigências da cultura.³⁴

A pulsão pode ser entendida como um movimento constante em busca de satisfação. E a agressividade aparece como resultante da renúncia das satisfações e da ambivalência de sentimentos, é originária e constitutiva do psiquismo humano. Produz efeitos nas relações intersubjetivas, no embate inesgotável entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Desse modo, compreende-se, a partir do olhar da psicanálise, que os atos violentos presentes nas relações em casa, apontam para ações que se repetem, fixadas em uma única posição. Objetos, finalidades e motivos desses atos podem ser entendidos, como imputados a pessoas, coisas ou a fenômenos substitutivos³⁵. Ainda assim, essa postura não tem a ver com ausência de consciência, não atesta nenhuma irracionalidade na origem da violência humana, muito pelo contrário, mostra que ela porta a marca de um desejo em proximidade com a pulsão de morte.

A violência surge justamente onde a palavra deixa de encontrar espaço para ser pronunciada, ali onde há o silenciamento. Como afirma Sousa³⁶, na violência ocorre a anulação do outro e a desqualificação do seu valor. Desse modo, o ato violento aponta para um limiar de diálogo rompido e fracassado. São situações, nas quais o sujeito, facilmente, não se sente fazendo parte do que está ocorrendo e age rompendo com pactos sociais.

³² FREUD, S. (1933 [1932]) *Por que a guerra?* Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22, p. 191-208).

³³ FREUD, S. (1930) *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010. (p. 39-185).

³⁴ Freud já havia se ocupado dessas questões da ambivalência e dos embates pulsionais em textos anteriores, entre outros *Psicologia das Massas* (1922) e *Totem e Tabu* (1913). Como aponta Freud (1913) tabu do incesto e proibição de matar o semelhante, são organizadores da convivência social. A partir desses interditos surgem os primeiros sistemas penais, e muitos parâmetros organizadores da convivência social.

³⁵ COSTA, J. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições. 2.ed., 1986, p. 28.

³⁶ SOUSA, E. A. de. O silêncio da violência. *Brasil, psicanálise, ficção e memória*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n.19, out. 2000.

Entretanto, esses pactos sociais podem ser retomados no pertencimento a um determinado grupo que respeita a diferença, no sentir-se fazendo parte de algo comum. Pois, como afirma Freud³⁷, Eros é forte, é como Tanatos e pode fazer frente a pulsão de destruição que habita o humano, sem crenças em uma felicidade associada a um ideal de harmonia, mas referido a possibilidade de sustentar o desejo de construir a vida, em contraposição a destruição e eliminação do outro.

É preciso ocupar o lugar de fala, “Tomar a palavra”.³⁸ Fazer uso desse lugar no espaço no qual cada um se encontra. Nesse contexto, implica ouvir o outro na diferença que pode representar. E certamente, em tempos como esse no qual se está vivendo, é preciso muita luta para colocar as relações de poder em movimento, sustentar a palavra e a vida. Discutir sobre a violência e suas implicações é uma temática urgente, em nossos tempos, ainda mais com o crescente número de casos associados a violência doméstica nesse período de pandemia. Entretanto, sabemos que estamos em um terreno que exige cuidado e atenção para nos atermos, sem perder de vista as ambivalências e contradições que o tema evoca.

Considerações finais

Procuramos ao longo desse artigo refletir sobre o espaço da casa e as relações nela estabelecidas, e sobre a posição paradoxal ocupada pela casa, que, embora possa, a princípio, ser considerada o local mais indicado para o distanciamento social na pandemia, como já referido, é também onde encontram-se muitas situações de violência. Assim, a casa pode ser considerada lugar que abriga tanto estabilidade como instabilidade; e, ambivalências e tensões já existentes tendem a se polarizar, exacerbar com novos elementos que emergem num momento como esse que estamos atravessando.

Como já foi mencionado anteriormente, os dados apresentados sobre violência doméstica na convivência cotidiana das casas, aumentaram no período da pandemia, não só no Brasil, isso que muitos dados nem chegam a ser notificados. Com a necessidade do distanciamento social, muitas pessoas precisaram se manter em suas casas convivendo

³⁷ Ver Freud (1933) em “*Por que a guerra?*”

³⁸ Lembramos Boltanski na exposição “Faire son temp” no Centre George Pompidou em Paris, ocorrida em final de 2019 início de 2020, com a obra “Prendre la parole” que pode ser traduzida como “Tomar a Palavra”.
Ver in:
Acessível: <https://www.google.com/search?source=univ&tbm=isch&q=Boltanski+centre+pompidou+prendre+la+parole&sa=X&ved=2ahUKEwjEuND0opvrAhVJHbkGHRGNCAcQsAR6BAgKEAE&biw=1254&bih=585&dpr=1.5>. Acesso em 10 agos.2020.

em tempo integral, com todos os desafios, decorrências psíquicas, sociais e econômicas que envolvem a pandemia.

Salientamos que o distanciamento social tende a acirrar violações pré-existentes e propicia o aparecimento de novas. Nesse contexto, muitos fatores são agravantes. Dentre eles, a imprevisibilidade em relação aos possíveis desdobramentos da COVID-19, a mantem como um evento em curso. E não podemos deixar de considerar que na pandemia as mortes são silenciosas e com um agente invisível. O “inimigo” pode estar em qualquer lugar, até mesmo dentro de você. Tanto aqueles que você ama, como você mesmo, podem transportá-lo, sem nem mesmo saber. Qualquer um pode ser vetor da morte, transmitir o vírus ao outro. O isolamento em casa viria como um modo de regulação desse “poder de matar” que aparece como possibilidade para todos.

Existem também os sujeitos que negam a situação, não tomam medidas de biossegurança, banalizam a situação vivenciada. Todos esses elementos potencializam a sensação de incerteza, desconfiança, fragilidade em nós mesmos e naqueles que nos rodeiam. Aspectos que tensionam a vida cotidiana e o funcionamento da casa, colocando os sujeitos em estado de alerta constante. E, por consequência, os atritos ficam mais frequentes.

Devemos lembrar que a violência emerge em muitas situações de fragilidade encoberta, através de uma imagem de força bruta que transpõe qualquer limite. O que, de modo algum, justifica ou autoriza um ato violento. Finalizamos apontando para a necessidade da sustentação do espaço para a palavra, onde a diferença possa ser acolhida, e em última instância a alteridade possa estar presente nas relações, oferecendo uma certa barreira aos impulsos destrutivos e ao silenciamento presente nas casas.

Referências

- Dicionário Bíblico: um guia de estudos e entendimento do livro dos livros. Equipe DCL. São Paulo; DCL, 2015, p. 301.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020 – PRINCIPAIS RESULTADOS. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5929-atlasviolencia2020relatoriofinalcorrigido.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020completo.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- AQUINO, E. M. L. et al. *Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil*. *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, Junho 2020. Disponível em:

- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702423&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jul.2020. Epub June 05, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.
- BOLTANSKI, Prendre la parole. In: *Faire son temp. Exposição ocorrida no Centro George Pompidou em Paris, final de 2019 início de 2020*. Disponível em: <https://www.google.com/search?source=univ&tbm=isch&q=Boltanski+centre+pompidou+prendre+la+parole&sa=X&ved=2ahUKewjEuND0opvrAhVJHbkGHRGNCAcQsAR6BAgKEAE&biw=1254&bih=585&dpr=1.5>. Acesso em: 10 agos.2020.
- BERGESCH, K. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUENFELDT, E.; PARLOW, K. B. E. M. *Epistemologia, Violência e Sexualidade. Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. p. 115-127. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/803>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- CERTEAU, M. de. Relatos de espaço. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (p.199-217)
- COSTA, J. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições. 2.ed., 1986.
- DANNER, F. *A genealogia do poder em Michel Foucault*. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS, 2009. Disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acesolivre/anais/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Filosofia/71464-FERNANDO_DANNER.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.
- DAVOINE, F. & GAUDILLIÈRE, J-M. Miroir de L'Histoire. In: *Histoire et Trauma: la folie des guerres*. Paris: Stock, França, 2006. (p.218-246) (tradução nossa)
- FONSECA, D.; RIBEIRO, C.; LEAL, N. *A violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais*. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Nota técnica: violência doméstica durante a pandemia de COVID-19 –Ed. 2. 29 de maio de 2020*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020 e 16 mar. 2021.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19 – ed. 3. 24 de julho de 2020*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>. Acesso em 16 mar. 2021.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 5ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- _____. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- _____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FREUD, S. (1933 [1932]) *Por que a guerra?* Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22, p. 191-208).
- _____. (1930) *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010. (p. 39-185).
- _____. (1912-1913) *Totem e Tabu*. In: Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (v.11, p. 13-244).
- LAKATOS, E. M. *Sociologia Geral*. 6ª rev. e ampl. ed. São Paulo: Atlas, 1990. colaboradora Marina de Andrade Marconi.
- LOPES, R. J. *Há cem anos, gripe espanhola matou de 50 milhões e deixou enigmas*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/01/1948677-ha>

cem-anos-gripe-espanhola-matou-mais-de-50-milhoes-e-deixou-enigmas.shtml. Acesso em: 19.07.2020.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Traduzido por: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MONSMA, K. *Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica*. Métis: História e Cultura. Universidade de Caxias do Sul/Centro de Ciências Humanas/Área de História, v. 6, n. 11 (2007), p. 23-37. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/822>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *UNICEF: crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante pandemia*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pt-br/85932- unicef-criancas-e-adolescentes-estao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durantedepandemia/>. Acesso em 07 jul. 2020.

SANAR SAÚDE. *Pandemias na História: o que há de semelhante e de novo na Covid-19*. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>. Acesso em: 19 jul.2020.

SCHWARCZ, L., 2020. *Casa não é a mesma coisa que lar (e vice-versa)*. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2020/Casa-não-é-a-mesma-coisa-que-lar-e-vice-versa>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA, E. A. de. O silêncio da violência. *Brasil, psicanálise, ficção e memória*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n.19, out. 2000.

SOUZA, L. M. *Lar doce lar? Um estudo sobre os significados de violência doméstica fatal contra crianças*. Dissertação (Mestrado). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilena Ristum. Universidade Federal da Bahia Instituto de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Salvador, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23976>. Acesso em: 19 jul. 2020.

PAPA FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Recebido em: 12/04/2021

Aprovado em: 28/05/2021